

Certeza de Salvação

Pr. Sérgio Lyra

Prof. do SPN-Recife

MS Missiologia

D.Min no RTS

srlyra@gmail.com

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA DOUTRINA	4
2.1 - Calvino e Lutero	4
2.2 - A Posição dos Puritanos	5
2.3 - A Negação Wesleiana	5
2.4 - A Doutrina nos Dias Atuais	5
SEGURANÇA ESTABELECIDADA	7
SEGURANÇA OFERECIDA	8
3.1- A Segurança Oferecida nas Escrituras	8
3.2 - A Segurança Oferecida Pelo Espírito Santo	9
SEGURANÇA PERCEBIDA	11
4.1 - O Lugar do Sentimento	11
4.2 - Evidências da Graça	11
CONCLUSÃO	13
BIBLIOGRAFIA	14

INTRODUÇÃO

É uma prática dos conselhos de nossas igrejas ao se examinar candidatos à profissão de fé, indagar sobre a certeza de salvação. Via de regra, a indagação é satisfeita com um firme “sim” do candidato, seguido de um versículo bíblico indicando a promessa de tal segurança. Na verdade, não fica claro, se a exigência comprovadora de salvação reside no candidato saber que tal segurança existe, ou se ele a experimenta autenticamente.

A doutrina da segurança da salvação, também denominada de “segurança da fé”¹ e “segurança cristã”², não deve ser analisada como um ponto de partida ou de chegada no estudo da teologia³. Isto se deve ao fato de que a segurança tem sua base em Deus e é decorrente da fé, ou como diz a confissão de Westminster “a essência da fé”⁴, fé que deve ser vista como salvadora e direcionada para a obra redentora de Jesus, sendo gerada pela ação do Espírito Santo.

Estabelecendo os limites deste trabalho, torna-se necessário definir nosso escopo. Partimos da definição de que certeza da salvação é a plena convicção ou confiança do crente na obra salvadora de Cristo, ao ponto de creditar para si a posse das promessas da salvação, inclusive nos aspectos escatológicos. É nesta mesma direção que D. A. Carson define segurança cristã como “a confiança que ele ou ela já está à direita de Deus, e que isto é resultado final de sua salvação”⁵.

É a partir daí que surgem várias considerações que merecem atenção, tais como: Qual o fundamento para tal confiança? A segurança plena surge de imediato com a fé ou é um processo evolutivo? Pode um crente obter plena segurança e depois vir a perdê-la? O que dizer da percepção pessoal do crente sobre sua segurança? Na busca de oferecer uma reflexão sobre o assunto, visto as suas muitas implicações e ramificações teológicas, este trabalho abordará a questão da segurança da salvação partindo de uma exposição sucinta da evolução histórica da doutrina, para em seguida focar três lados de observação. Primeiro, que chamaremos de *Segurança Estabelecida*, é aquela segurança providenciada integralmente por Deus para seus eleitos através da obra salvífica de Cristo. Em segundo lugar, enfocaremos a *Segurança Oferecida*, definida como a ação de Deus que confere aos eleitos meios de assegurar a sua eleição. E em terceiro lugar examinaremos a *Segurança Percebida* que deve ser entendida como as evidências ou sinais pessoais que podem ser identificados na vida do cristão verdadeiro o qual exerce a fé autêntica em Cristo, confirmando a sua salvação. Nosso objetivo é, portanto, mostrar que a soberana ação divina de providenciar a segurança não descaracteriza a responsabilidade do cristão de cultivar sua segurança, mas que são combinantes, oferecendo a todo verdadeiro crente o privilégio de plenamente perceber em si, pela fé, toda segurança que já foi divinamente estabelecida.

¹ Berkoff, “The Assurance of Faith”, Eerdmans Publishing, 1939, p. 11.

² Robert Peterson, “Christian Assurance” in “Presbyterion 18/1), 1992, p. 10.

³ D.A. Carson, “Reflection on Christian Assurance” in “Westminster Theological Journal”, 1992:54, p. 28.

⁴ Confissão de Fé de Westminster Capítulo 18.2.

⁵ D.A. Carson, op. cit., p. 1-2.

CAPÍTULO 1

DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA DOUTRINA

Tendo a Igreja Católico-Romana abraçado para si a autoridade única de “arca de segurança”, os reformadores se valeram da doutrina da Segurança da Fé, como um dos pilares mestre de confronto. Teólogos do período pré-reforma, como Agostinho, já haviam chamado a atenção ao fato de que “a fé incluía segurança no seu objeto”.⁶ Porém, tal confiança residia “nas verdades objetivas da Revelação”.⁷ A diferença com a igreja de Roma ficou expressa na ênfase reformada de que a certeza da salvação é uma questão de “segurança pessoal”.⁸

Estando a Igreja Católica influenciada por teólogos de tendências semi-pelagianas, inclinou-se por negar a possibilidade da segurança cristã. É neste contexto que em 1647 o Concílio de Trento estabelece que as pessoas não podem ter certeza de sua salvação, exceto se houver uma revelação especial. Na verdade, a posição da Igreja de Roma não foi a negação total da doutrina da segurança da fé, mas uma rejeição da “absoluta segurança repudiando a visão protestante”.⁹

2.1 - Calvino e Lutero

Tanto Lutero¹⁰ quanto Calvino, pregaram que a segurança de salvação é uma característica do verdadeiro cristão. Dando maior destaque a Calvino, verificamos que nos seus escritos ele chega a afirmar que se alguém não tem certeza da sua salvação, sua fé não é autêntica,¹¹ e ainda que se alguém tem uma fé verdadeira não pode duvidar da sua salvação final.¹²

O confronto de Calvino contra a posição da Igreja de Roma é claramente visto na sua argumentação contra Pedro Lombardo, o qual ensinava a supremacia das obras sobre a fé afirmando que “as obras tomaram da fé o valor e a virtude de justificar”.¹³ Calvino argumentou sobre a fé como fonte de nossa segurança e certeza, pois ela é gerada por Deus e é dirigida para ele, não produz uma salvação dependente do homem, mas de Cristo. Esta posição ele defende mais amplamente nas suas Institutas posteriormente.¹⁴ Grande impacto foi causado pela posição reformada. Além de desvincular o cristão da necessidade de depender da Igreja para sua salvação, enfatiza também a alegria de descobrir que a garantia de tal salvação dependia da ação de Deus e do seu Espírito, o qual regenera, salva e confirma a fé dos seus eleitos. A doutrina reformada agora transportava o cristão do medo de perder sua salvação, dita dependente das obras, para a alegria e segurança de viver pela fé em Cristo, o autor e doador da Salvação.

⁶ Berkoff, op. cit., p. 19.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid.

⁹ Robert Peterson, op. cit., p. 11.

¹⁰ D.A. Carson, op. cit., p. 3.

¹¹ Para Calvino certeza de salvação era sinônimo de fé autêntica. Cf. “Institucion de la Religión Cristiana”, v.1 p. 616.

¹² Berkoff, op. cit., p. 23.

¹³ Calvino, “Institucion de la Religión Cristiana”, v. I, p. 616.

¹⁴ Ibid, v. II, p. 767.

2.2 - A Posição dos Puritanos

No período pós-reforma, principalmente no século XVIII, verifica-se o surgimento de vários teólogos ortodoxos e puritanos enfatizando o relacionamento entre a fé e a certeza da salvação pessoal.¹⁵ Devido ao cuidado pastoral por eles exercido e a busca por precisão teológica, muito material sobre o assunto foi produzido. Joel R. Beeke desenvolve muito bem esta influência ao avaliar a participação puritana na confecção do Artigo 18.2 da Confissão de Westminster, onde sua busca é demonstrar que os puritanos não contradisseram ou se opuseram às posições inteiramente adotadas por Calvino,¹⁶ quanto a segurança da fé, ao enfatizarem as evidências percebidas pelo crente.

Os puritanos assim, não apenas ratificaram a idéia calvinista da segurança advinda da fé, mas desenvolvem a questão da percepção pessoal da segurança, como mais um ato de graça de Deus.

2.3 - A Negação Wesleiana

Merece consideração a posição metodista do século XVIII. Considerando o conceito Wesleiano do perfeccionismo,¹⁷ o metodismo se opôs veemente ao “pessimismo espiritual”,¹⁸ que colocava o pecador na angústia da expectativa do terrível julgamento da lei de Deus. Os Wesleianos defendiam ardentemente a alegria de se poder buscar e obter santificação em Cristo e certeza de salvação. Mesmo negando a eleição,¹⁹ os metodistas consideravam sua estabilidade afirmando que a “segurança pertence ao presente somente e não ao futuro e que esta segurança é estar em presente estado de graça e não uma segurança da salvação final”.²⁰ Para os metodistas, portanto, a segurança é segurança no presente e insegurança no futuro, pois confere ao crente a responsabilidade de mantê-la ou perdê-la. Tal posição se caracterizava por ser “quase exclusivamente uma questão de sentimento, e portanto, muito mais uma coisa por si mesma instável”.²¹

2.4 - A Doutrina nos Dias Atuais

Teólogos reformados do século XX não pouparam esforços em defender a segurança da salvação oferecida aos eleitos. Contudo, os escritores recentes de nossa década reconhecem um certo arrefecimento da pregação e produção de material doutrinário para analisar, aplicar e defender a doutrina da segurança da fé.²² Por outro lado, parece-nos claro a posição da igreja Romana de continuar abraçada à decisão do concílio de Trento. Mesmo admitindo que “o homem não pode produzir por si mesmo a

¹⁵ Joel Beeke, “Personal Assurance of Faith: The Puritans and Chapter 18.2 of the Westminster Confession” in “Westminster Theological Journal”, 1993:55, p. 1.

¹⁶ Ibid, p. 3.

¹⁷ Wesley defendia a possibilidade de se atingir um alto grau de santidade, chegando a conferir ao cristão um “estado de não pecar”.

¹⁸ Berkoff, op. cit., p. 31

¹⁹ Ibid

²⁰ Ibid, p. 32

²¹ Ibid.

²² D.A. Carson, op. cit., p. 1

fé, esta deve ser-lhe dada por Deus”,²³ a teologia católico-romana não admite a segurança desta dádiva. Enfaticamente é dito no Dicionário de Teologia editado por Bauer: “nos evangelhos é claramente exposta, em muitas imagens, a possibilidade da perda da salvação já recebida”.²⁴ E sem querer, talvez, se distanciar da “revelação especial”, que oferece um lampejo de segurança, chega-se a afirmar que existe a possibilidade de se obter um “grau muito elevado de certeza da própria salvação, certeza esta que embora não seja absoluta...”.²⁵

Quanto a atual posição reformada, a análise oferecida por Carson²⁶ identifica uma certa “tensão” entre o acoplamento exclusivo da certeza de salvação à fé salvadora, frente a consideração da segurança gerada por uma vida transformada, regenerada pelo Espírito e conduzida a produzir frutos para santificação. Procuraremos nos capítulos seguintes, conhecedores agora do escopo no qual a doutrina está inserida, elaborar algumas considerações, na busca de harmonizar os aspectos constantes de nossa posição teológica reformada.

²³ H. Zimmerman, “Fé” in “Dicionário de Teologia Bíblica”, Vozes, 1973, v. I, p. 426.

²⁴ J. Knerzinger, “Salvação (certeza de)” in “Dicionário de Teologia Bíblica”, Vozes, 1973, v. II, p. 1027

²⁵ Ibid, p. 1042.

²⁶ Carson, op. cit., p. 2ss

CAPÍTULO 2

SEGURANÇA ESTABELECIDADA

Por segurança estabelecida queremos nos referir àquela que é gerada exclusivamente por Deus, e sendo “extra-nós” independe do que sentimos ou percebemos. Embora a doutrina da salvação esteja intimamente ligada à segurança da salvação, elas possuem bases diferentes. Enquanto a salvação é fruto do amor de Deus que chama, justifica, santifica e glorifica aqueles a quem elege e tudo isto através da obra realizada por Jesus, a segurança de salvação tem sua base na veracidade da obra salvífica de Cristo. Não é apenas o cumprimento das profecias do Messias, mas também o executar desta obra em nós. Cristo providenciou a salvação e o próprio Deus, pelo seu Santo Espírito, aplica seus benefícios em nós. Ao sermos regenerados, somos então alvo das promessas reveladas acerca dos filhos de Deus (Jo 1:12, 6:37; Rm 8:14,28-33; Ef 1:1-4; I Jo 5:2; I Pd 2:9 e outras).

Ao dizermos que a segurança da salvação, em primeiro aspecto, é estabelecida por Deus, enfatizamos que a garantia real da nossa salvação não é o resultado do que sentimos ou fazemos, mas o resultado da ação divina de providenciar, conceder e assegurar a salvação a todos aqueles que o Pai dá a Cristo (Jo 6:39). Fica evidente que tal segurança é a apresentada na Palavra de Deus, a qual nos revela o que Deus estabeleceu.

A firmeza de Calvino ao condenar a posição da Igreja de Roma, tem sua âncora no ponto fundamental da reforma: “Sola Scriptura”. É através do seu ensino sobre a salvação pela fé que ele associa a questão da segurança e da fé. Para os reformadores a fé do eleito “é certa e segura”,²⁷ pois foi gerada por Deus e é mantida por ele.

A salvação que Deus providenciou para os eleitos é um privilégio e herança inalienável. Contudo, é requerido do eleito, exercício de fé. Aqui reside o fato de se questionar a segurança estabelecida, não que ela venha a ser instável pela variação de fé do crente, mas que tal variação de fé ou mesmo a ineficácia de fé temporária, afetam aqueles que a exercem, levando-os a duvidar do que foi divinamente estabelecido. Deus não é Deus de confusão ou de obras inacabadas, todo plano divino está concluído no *kronos* dele, e ele mesmo decidiu dar ciência do que fez aos seus. A segurança de salvação estabelecida por Deus na esfera da sua soberania, é também comunicada e oferecida à nossa realidade humana.

²⁷ Calvino, Institutas op. cit., v. I, p. 422.

CAPÍTULO 3

SEGURANÇA OFERECIDA

Sendo a segurança de salvação dos eleitos já estabelecida no plano eterno de Deus, restam ainda dois aspectos da segurança: a *oferta* de tal segurança e o que pode ser *percebido* pelos eleitos. Ao estudarmos esta questão podemos identificar três fatores ou bases da segurança cristã: (1) As promessas das Escrituras; (2) O testemunho do Espírito Santo e; (3) As evidências da vida de graça.²⁸ Os dois primeiros são bases oferecidas aos eleitos e o terceiro trata-se da segurança percebida, pois é através das evidências da graça que poderemos obter um sentimento pessoal da certeza da salvação.²⁹

3.1- A Segurança Oferecida nas Escrituras

Anteriormente já mencionamos que a Palavra escrita de Deus revelou a segurança da verdadeira fé em Cristo, estabelecida por Deus. Tendo o pecador crente sido regenerado, ele se torna capaz, pelo Espírito Santo, de desenvolver sua salvação (Fp 1:25 e 2:12). Seu primeiro passo é fé na veracidade das promessas divinas. Isso gera confiança no Deus que ao prometer é fiel para cumprir (Sl 125:1, Gn 15:6).

A segurança da salvação não é apenas um assentimento ao que está escrito na Palavra. A fé autêntica produz características ou evidências pessoais. Tendo em vista a íntima relação entre a fé e segurança de salvação, torna-se necessário tecermos algumas considerações sobre a fé, para lançarmos mais luz sobre o assunto.

João Calvino define fé como: “um conhecimento firme e certo da vontade de Deus a respeito de nós, fundado sobre a verdade da promessa gratuita, feita em Cristo Jesus, revelada ao nosso entendimento e selada em nossos corações pelo Espírito Santo”.³⁰ Ele não admite a perda da fé verdadeira, pois esta é gerada e preservada por Deus. Contudo, Calvino admite uma “fé temporal”,³¹ que segundo ele “mostra uma certa aparência de obediência”,³² porém não pode produzir segurança, pois os que a tem “enganam a si mesmos com uma falsa opinião”.³³ Parece-nos claro que Calvino credita à fé temporal uma origem humana, algo gerado por opinião e decisão pessoal ao contrário da fé como dom de Deus.

Se por um lado admite-se que a fé pode ser temporária, e vir a sucumbir, não se deve deduzir o mesmo da fé verdadeira. Esta possui a garantia daquilo que já foi estabelecido por Deus (Ef. 1:1-3). Porém, é perfeitamente aceitável a gradação da fé. O próprio Calvino disse: “Esta oscilação (carne e espírito) provém da imperfeição da fé, pois jamais nesta vida presente chegaremos a felicidade de estarmos livres de toda desconfiança e possuímos a plenitude da fé”.³⁴ Podemos agora abordar os aspectos da segurança da fé.

Tanto para os reformadores como para os pós-reformadores, a verdadeira fé gerava um certo “senso de segurança”.³⁵ A questão reside em como perceber tal confiança, ou como distinguir a fé temporária da fé verdadeira. Se segurança é a

²⁸ Joel Beeke, op. cit., p. 19.

²⁹ A questão da percepção pessoal é desenvolvida no capítulo 4.

³⁰ Calvino, Institutas op. cit., v. I, p. 452.

³¹ Ibid, p. 412,417.

³² Ibid, p. 418.

³³ Ibid.

³⁴ Ibid, p. 423.

³⁵ Ibid, p. 422 e Joel Beeke, op. cit., p. 4,5.

essência da fé, então conhecer a fé, e ter meios como analisá-la, influenciará diretamente a segurança advinda da fé.

Porém, se faz necessário agora retomar o fato da existência de uma gradação da fé, e portanto, gradação da segurança. Jesus fala de pouca fé (Mt. 6:30), de fé pequena (Mt. 8:26, Mc. 4:40) e grande fé (Mt. 8:10,15:28). Comentando esse assunto, Berkoff declara: “fé envolve um *sentimento pessoal* de certeza e segurança. Ansiedade e dúvida, medo e desconfiança, são atribuídos a uma fé deficiente”³⁶ (grifo nosso). Esta vacilação de fé não abala a segurança estabelecida, nem a seguridade da Palavra de Deus, porém, afeta diretamente aquele que possui tal fé. De pronto podemos verificar que a segurança da fé não é uma simples concordância com a verdade bíblica, há algo de pessoal que pode ser percebido, experimentado e nisto Berkoff é enfático ao dizer que “é perfeitamente natural que o elemento confiança na fé deva envolver um *sentimento* de segurança e certeza pessoal”³⁷ (grifo nosso). Incontestavelmente, ao colocarmos nossa fé nas Escrituras, surgirá um forte sentimento de esperança segura, pois tal esperança se fez segura por ser oferecida por Deus incondicionalmente (II Co 1:20; Hb 6:18).

3.2 - A Segurança Oferecida Pelo Espírito Santo

As promessas de Deus estabelecidas nas Escrituras não se constituem, por si só, uma garantia para todo aquele que nelas colocam sua fé. Não é o simples fato de acreditarmos nas Escrituras ou declará-las verdadeiras que gerará segurança de salvação. Há, indispensavelmente, a necessidade do próprio Deus oferecer suas promessas para nós. A salvação é dom de Deus assim como a fé e as promessas (Ef 2:8,9; Rm 4:16-20).

Além da segurança oferecida pelas promessas reveladas nas Escrituras, o próprio Deus, através do seu Espírito Santo oferece o seu testemunho de garantia. O texto do capítulo 8 de Romanos é particularmente importante e pertinente. O apóstolo Paulo ao falar da obra da graça de Cristo no pecador justificado, assegura duplamente: Primeiro que “todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8:14). Isto nos conduz aos efeitos da graça em busca da santidade e de sermos imitadores de Cristo (Ef 5:1,2), aspecto que evidencia nossa segurança e que abordaremos mais adiante. Segundo, que a segurança do crente é testemunhada pelo Espírito Santo em nós: “pois o próprio Espírito testifica com o nosso espírito de que somos filhos de Deus” (Rm. 8:16). Aqui necessário se faz tecermos algumas considerações sobre este precioso texto.

a) É oferecida a segurança de nossa filiação

Não se trata de uma descoberta de nosso espírito,³⁸ nem ainda uma ação conjunta do nosso espírito em cooperação com o Espírito de Deus. Trata-se de uma ação do Espírito Santo direcionada ao nosso espírito.³⁹ É a segurança dada por Deus àqueles a quem ele, pela obra de Cristo aplicou sua adoção.⁴⁰ Trata-se da segurança que é oferecida a filhos. É o próprio Pai que declara e reconhece a sua paternidade, e por esta razão podemos com segurança dizer “aba, Pai” (Rm 8:17). Segundo Hodge, a salvação é

³⁶ Berkoff, op. cit., p. 40.

³⁷ Ibid.

³⁸ F.J. Leenhardt, “Epístola aos Romanos: Comentário Exegético”, ASTE, 1969, p. 214-215.

³⁹ Robert A. Peterson, “Christian Assurance: Its possibility and Foundation” in “Covenant Seminary Review”. 1992:18/1, p. 17.

⁴⁰ Martyn Lloyd-Jones, “Os Puritanos: Suas Origens e Sucessores”, PES, 1993, p. 198.

seguida da adoção, filiação e herança, e isto oferece “uma nova plataforma de segurança”.⁴¹

b) A segurança da filiação é produzida

O texto de Rm. 8:15 que traduz a ação do Espírito como “testificar”, significa confirmar, assegurar.⁴² Desta forma, traduziríamos o texto dizendo que o Espírito Santo *produz* em nosso espírito a segurança de que nós somos filhos de Deus. Além da base espiritual, é também produzida no eleito a segurança de pertencer à família de Deus.

c) - A segurança oferecida é a prova de nossa salvação

Esta é a ênfase dada por Calvino ao dizer que o guiar do Espírito Santo na vida do crente “é o sinal de que é seu (de Deus)”.⁴³ Para ele, todos os que são guiados pelo Espírito Santo “devem estar *seguros* da vida eterna”⁴⁴ (grifo nosso). Aqui se destacou a ação do Espírito a favor dos eleitos para conceder tranquilidade e certeza do amor de Deus para com eles.⁴⁵

Ao associarmos o conceito de segurança estabelecida com o da segurança oferecida, descobrimos que está no próprio Deus a solidez de nossa certeza de salvação, pois o mesmo a estabelece e a oferece aos seus eleitos. Resta-nos agora, considerar o lado humano da segurança percebida.

⁴¹ Charles Hodge, Commentary on the Epistle to the Romans”, 1980, p. 263.

⁴² Ibid, p. 267.

⁴³ João Calvino, “Epistola a los Romanos”, p. 205-206.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ibid, p. 209.

CAPITULO 4

SEGURANÇA PERCEBIDA

Os teólogos reformados são praticamente unânimes em admitir uma certa flutuação da fé, o que vem provocar instabilidade na segurança. Mesmo não sendo a certeza da salvação um fator imprescindível à própria salvação do eleito,⁴⁶ não é difícil concordar com Berkoff de que “o oposto da segurança é a dúvida”,⁴⁷ e aí entramos no campo do que percebemos, ou no campo do que os puritanos chamaram de evidências internas da graça na qual as promessas são feitas.⁴⁸

Ao crermos no fato de que a segurança é a essência da fé, não implica em afirmar que todo crente desfruta de completa segurança de salvação. Faz-se oportuno agora procurarmos identificar como verificar e desenvolver este sentimento pessoal de segurança de fé salvadora.

4.1 - O Lugar do Sentimento

Esta não é uma questão nova. Calvino e a própria Confissão de Fé de Westminster falaram de “confiança do coração”. A percepção da ação do Espírito Santo na vida do crente não é puro “nacionismo”,⁴⁹ como defendiam os Sandemanianos.⁵⁰ Para estes o fator emoção deveria ser excluído até no que se refere a plena certeza de fé, sob o risco de invalidar a fé.⁵¹ Contudo, as Escrituras não expurgam de nós o fator emocional, o que sentimos. Pelo contrário, nos é tirado um “coração de pedra” e dado um “coração de carne”, que não apenas reconhece a veracidade das Escrituras, mas se alegra, glorifica e adora com exultação (Jr 31:33; Rm 4:19,20; Cl 1:4,5; At 13:48). Isto, por outro lado, também significa que o nosso emocional pode ser atingido negativamente, conduzindo o crente a dúvidas cruéis e a perplexidades. O reconhecimento de tal fato é encontrado tanto no Sínodo de Dort quanto na Confissão de Westminster.⁵² Assim como o desenvolvimento da fé gera segurança e estabilidade emocional, a variação da fé, assediada pelos conflitos e dúvidas da carne, mina e chacoalha tal segurança (Sl. 81:32; 77:7-9).

4.2 - Evidências da Graça

Sem tecer muitos comentários aos termos em si, queremos focar esta questão como “atos reflexos da fé”,⁵³ ou a obra que o Espírito Santo realiza através de nós. O cerne reside no fato de que o verdadeiro crente frutifica em sua nova filiação (Jo 15:7,8; Mt 7:16,17; Ef 2:10; I Jo 3:18,19). Ele traz consigo marcas⁵⁴ que fazem com que a

⁴⁶ Berkoff, op. cit., p. 70 e Joel beeke, op. cit., p. 9.

⁴⁷ Berkoff, op. cit., pg. 75.

⁴⁸ Joel Beeke, op. cit., p. 9. Tal posição teológica foi desenvolvida pelos puritanos através do tema. “Silogismos”: o *silogismo prático* entendido como atos de santificação, boas obras, e o *silogismo místico* como o exercício e progresso da fé. Cf. Beeke, p. 11,16-17.

⁴⁹ Termo que significa ter conhecimento, ser conhecedor da noção de, sem o envolvimento de emoções ou sentimentos.

⁵⁰ Grupo que apoiava as idéias de Robert Sandeman, teólogo calvinista do século XVIII, que defendia a exclusão de emoções e o uso simples da fé como anuência às verdades escriturísticas.

⁵¹ Martyn Lloyd-Jones, op. cit., p. 185.

⁵² Berkoff, op. cit., p. 70.

⁵³ Joel Beeke, op. cit., p. 17.

⁵⁴ Berkoff, op. cit., p. 30.

verdadeira fé seja revelada. Estas marcas são as evidências da graça regeneradora que agiu e continua atuando na vida dos crentes em Jesus. Mesmo sabendo que as obras da fé podem ser falseadas, é preciso salientar que o fator gerador de segurança não são as obras em si, mas o novo coração gerado por Deus, que agora deseja, sente, percebe e pratica as boas obras, busca a santificação, adora e ama imitando a Jesus com alegria. É aí que reside, em grande parte, a diferença entre a verdadeira fé e a fé falsa ou temporária. Ao comentar sobre a fé temporária Calvino embora conhecendo a possibilidade de ser concedida “certa provação da graça aos réprobos”,⁵⁵ de imediato declara que tais evidências são enganosas, fruto apenas de uma confiança pessoal e não aquela gerada e oferecida por Deus.⁵⁶ A diferença reside no fato da verdadeira fé perseverar,⁵⁷ pois ela foi dada por Deus e está sob o controle de dele⁵⁸.

Tendo assim a nossa fé suas raízes em Deus, ela cresce e floresce através da palavra viva que é Cristo Jesus, e isto é uma obra do Espírito Santo. O silogismo de fé é então o que nos faz perceber a segurança⁵⁹, pois não está baseada em nenhum mérito humano, mas no fato de descobrirmos a “imerecida graça de Cristo agindo em nós”.⁶⁰ Tanto o silogismo prático como o silogismo místico defendido pelos puritanos⁶¹ confere ao eleito a percepção de sua segurança pessoal de fé. A resposta humana ao toque regenerador e santificador do Espírito Santo é o que chamamos de fé reflexa, a qual produz o aumento da fé e o desenvolvimento de nossa salvação (Fl 2:12; II Pd 1:10), conduzindo o crente à plena certeza da fé.

⁵⁵ João Calvino, “Epistola a los Hebreos”, 1977, p. 124

⁵⁶ Ibid e David Foxgrover, “Temporary Faith and the Certainty of Salvation”, in “Calvin Theological Journal”, 15 (1980), p. 230.

⁵⁷ Carson, op. cit., p. 20.

⁵⁸ Robert Peterson, “Christian Assurance: Its Possibility and Foundation”, in “Covenant Seminary Review”, 18 (1992), p. 22.

⁵⁹ Joel Beeke, op. cit., p. 20-21.

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Ibid, p. 16-17.

CONCLUSÃO

Creemos que a idéia de “compatibilismo” de Carson⁶² se aplica bem ao propósito de catalisar os aspectos expostos sobre a segurança da salvação. Segundo Carson há muitos textos bíblicos “que prometem o compromisso da soberania divina em preservar os seus eleitos”,⁶³ ao mesmo tempo que os “crentes são convidados a perseverar em *fidelidade* para a nova aliança e no Senhor da aliança”⁶⁴ (grifo nosso). Ora, se a segurança da certeza da salvação depende de Deus e ao mesmo tempo somos instados a permanecer na fé, e dela não se afastar, cair ou esmorecer, algo necessita ser “compatibilizado” para harmonizar tais posições. Lidamos aqui, em outras palavras, com a doutrina da soberania divina e a doutrina da responsabilidade do homem, aplicadas à segurança da fé do cristão.⁶⁵ A “compatibilização” é então que a *segurança estabelecida* por Deus é *oferecida* aos seus eleitos para que estes ao *percebê-la* em sua vida, produzam zelo pela fé, gratidão, paz, apreço pela fidelidade divina e certeza do seu chamado eficaz.

Assim, a obra de salvação de Deus em Cristo, preparada nos tempos eternos, atinge o pecador e ao outorgar-lhe pelo Espírito a adoção, concede-lhe também a crescente certeza da salvação, pela infalibilidade das promessas da Escritura, pelo testemunho do Espírito Santo junto ao espírito do regenerado e, pela evidência continuada de boas obras em sua vida, obras que revelam santidade, justiça, amor e uma fé verdadeira. Glória a Deus que nos salvou e nos permite desfrutar de uma segura esperança de fé: A vida eterna com Cristo. Abençoada verdade!

⁶² Carson, “Reflection on Christian Assurance”, in “Westminster Theological Journal”, 1992:54, p.20ss.

⁶³ Ibid, p. 26.

⁶⁴ Ibid.

⁶⁵ Ibid.

BIBLIOGRAFIA

- Bauer, Johannes B., “Dicionário de Teologia Bíblica”, Loyola, SP, 1973, 2 vols.
- Beeke, Joel R., “Personal Assurance of Faith: The Puritans and Chapter 18.2 of the Westminster Confession” in “Westminster Theological Journal”, 55 (1993):1-30.
- Berkoff, L., “The Assurance of Faith”, Eerdmans Publishing, Grand Rapids-EUA, 1939, 86 p.
- Brown, Colin, “O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento”, Vida Nova, SP, 1982, 4 vols.
- Calvino, Juan, “Epistola a los Romanos”, Subcomision de Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada”, Grand Rapids-EUA, 1977, 394 p.
- _____, “Epistola a los Hebreos”, Subcomision de Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada”, Grand Rapids-EUA, 1977, 369 p.
- _____, “Institucion de la Religión Cristiana”, Subcomision de Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada”, Grand Rapids-EUA, 1979, 2 vols.
- D.A. Carson, “Reflection on Christian Assurance” in “Westminster Theological Journal”, 54 (1992):1-29
- Foxgrover, David, “Temporary Faith and the Certainty of Salvation”, in “Calvin Theological Journal”, 15 (1980)
- Hodge, Charles, “Commentary on the Epistle to the Romans”, Eerdmans Publishing, 1980, 458 p.
- Ironside, H. A., “Expository Notes on the Epistles of James and Peter”, Loizean Brothers, NY, 1958, 103 p.
- Leenhardt, F. J., “Epístola aos Romanos: Comentário Exegético”, ASTE, SP, 1969, 399 p.
- Lloyd-Jones, D. Martin, “Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores”, PES, SP, 1993, 432 p.
- Robert Peterson, “Christian Assurance: Its Possibility and Foundation” in “Presbyterian”, 18/1 (1992):10-24